

Dolto - Um Passe para a Originalidade

*Angela Perpétuo de Oliveira**

*Giselle Groening de Almeida**

*Maria Cecília Casali Oliveira**

Françoise Dolto viveu na França de 1908 a 1988 deixando uma extensa e impactante obra.

Impactante pela maneira pessoal e carismática de colocar suas idéias. Não bastar Dolto, é necessário digerí-la. Ela não se preocupava fundamentalmente em sistematizar sua teoria, deixando um legado principalmente através de temas técnicos e práticos que abordava nos seminários, conselhos aos pais, médicos e educadores. Nem por isto Dolto deixava a teoria em segundo plano. Seu embasamento foi Freudiano e Lacaniano, mas devido às suas preocupações práticas e à sua própria história de vida, acabou por integrar suas influências e desenvolver um corpo teórico e uma prática clínica originais e coerentes.

Procuraremos mostrar aqui como sua história de vida encaminhou-a para seu trabalho e marcou suas idéias fundamentais. Neste contexto, recortaremos o uso que Dolto faz de alguns conceitos como o de linguagem, simbolização, castração, sujeito, relação de objeto, e enfatizaremos o conceito inovador de imagem inconsciente do corpo. Acreditamos assim poder dar uma amostra da sua originalidade e importância dentro da teoria psicanalítica.

A “vida na obra” é fundamental no caso de Dolto, nos levando, devido à sua forte personalidade, a uma série de críticas e dificuldades, em um primeiro momento. A própria Dolto dava um lugar privilegiado à sua história pessoal tanto que publicou dois livros auto-

biográficos. Importante frisar que a história do psicanalista sempre tem um peso na produção teórica e no manejo técnico, o que absolutamente não significa confundir a obra com o autor, mas apenas situá-la, ajudando na compreensão do todo, permitindo a nós mesmos o espaço pessoal e transferencial com relação ao autor em quem estamos interessados.

Encontramos como denominador comum de sua personalidade o respeito que tinha por seu lado pessoal dentro do contexto profissional, isto é, o seu desejo e sua opinião. O que em um primeiro momento parece um traço extremamente onipotente de Dolto, acaba tomando-se um elemento de auto-respeito e capacidade de produção. Para ela a noção de sujeito é fundamental: é o sujeito do desejo que se situa do lado do inconsciente, que se liga mas transcende a condição corporal e o ambiente. Verificamos que buscou incessantemente em si, e no outro, o sujeito responsável, respeitando e indo além das condições pessoais, familiares e institucionais, podendo assim desenvolver amplamente seu trabalho. Desta noção de sujeito responsável por seu desejo advém inclusive sua prática no tratamento de autistas, psicóticos e bebês, trazendo desta forma inovações técnicas e sendo capaz, o que é fundamental em psicanálise, de sustentar metapsicologicamente seus procedimentos.

* Psicólogas, Psicanalistas pelo Curso Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae - São Paulo

Por exemplo, ela incluía bebês em suas consultas, falando diretamente a eles, dirigindo-se ao sujeito que via como presente desde o início, acreditando que compreendessem a linguagem adulta, para estarrecimento dos demais. Em outras palavras, Dolto considerava as circunstâncias (o corpo, a família e a história) como possibilidades de atualização de um sujeito que pode vir a se responsabilizar por seu desejo.

Realmente Françoise Dolto foi além das circunstâncias, transcendendo a loucura que a circundava. Encontramos em sua infância, segundo ela descreve em sua auto-biografia, os elementos constitutivos de uma dinâmica psicótica: um pai ausente - pelo menos fisicamente, uma mãe "monstruosa" que projetava tal traço em seus filhos - utilizando-os como analistas, e uma menina precoce que não obtinha quem lhe situasse seus próprios sentimentos. Somava-se a isto a percepção de um ambiente onde havia muitos "loucos" (seus familiares, os moradores do seu prédio e a clínica psiquiátrica que existia em frente), a experiência de viver a primeira guerra mundial (dos 6 aos 10 anos) e de assistir o desamparo das famílias que perderam seus chefes neste período. Tais experiências levaram-na a reconhecer o próprio desamparo e a lutar por uma compreensão, por uma profissão e independência. Acaba por realizar seu desejo de menina em ser "médica da educação", percorrendo o caminho a partir de sua formação como pediatra para a psicanálise e aconselhamento.

Profissionalmente Françoise Dolto também foi sempre além das circunstâncias. Aos 31 anos defendeu a tese "Psicanálise e Pediatria", o que lhe valeu o título de médica pediatra e a aceitação como membro titular da Sociedade Psicanalítica de Paris, à qual permaneceu filiada até 1953. Desligou-se e fundou, juntamente com outros analistas, a Sociedade Francesa de Psicanálise, onde permaneceu com Lacan até 1964, quando fundaram a Escola Freudiana de Paris. Com a dissolução desta em 1980, Dolto empenhou-se na criação da "Maison Vert", instituição destinada ao atendimento de crianças carentes. Durante a maior parte de sua vida profissional dedicou-se também ao trabalho em hospitais, onde realizava o atendimento com platéia. Outra marca característica eram os

seminários clínicos, transformados em dois livros, nos quais esclarecia sua forma de trabalhar. Sua preocupação como "médica da educação" estendia-se não só à formação de profissionais como também ao trabalho preventivo com os pais.

Seu afã em ajudar os pais a educar os filhos e seu interesse pela comunicação levaram-na, como uma psicanalista não ortodoxa que era, a programas de rádio onde orientava e aconselhava os pais e educadores em suas dificuldades com as crianças. Este seu interesse pela comunicação já era evidente aos dez anos, quando construiu sozinha um rádio, novidade da época.

A ênfase na comunicação é um ponto fundamental na obra de Dolto. Ela usa amplamente a noção de linguagem, incluindo diversos conceitos relacionados como comunicação, fala, palavra verdadeira e simbolização. Para ela, desde a origem somos concebidos na linguagem: tudo é linguagem, tudo é simbólico, especialmente nas relações do bebê com o seu meio; nada no ser humano é apenas orgânico. A linguagem pré-existe ao nascimento, mas é somente após o desmame do corpo-a-corpo que a assimilação da língua materna começa a se fazer. Já a função simbólica inclui todas as modalidades da linguagem (visual, olfativa, gestual, rítmica, verbal, entre outras), havendo uma prioridade da linguagem falada, de modo verdadeiro no que tange ao conteúdo afetivo e à realidade: "A linguagem falada é o que há de mais germinativo e simbolizador no coração e no simbolismo do ser humano que nasce" (1). A linguagem falada é condição humanizante e do desenvolvimento da função simbólica. Dolto enfatiza a necessidade da comunicação verbal como instrumento de tradução das ansiedades infantis, o que permite estabelecer um significante e um significado dentro do contexto das relações. É a conversa dos pais sobre e com o bebê que propicia sua inclusão no mundo simbólico, daí Dolto dirigir-se aos pais e aos bebês nas entrevistas. Já o estabelecimento de significantes falsos e distorcidos do ponto de vista do afeto e da realidade concreta, levam a comprometimentos sérios na estruturação do inconsciente e da

(1) Dolto Françoise - "La Cause des Enfants" Introdução a Obra de Françoise Dolto, Michel Ledoux, Jorge Zahar - Ed., 1991, Rio de Janeiro.

identidade, daí a importância da palavra verdadeira que, por definição, inclui também as castrações.

Neste processo evolutivo, para que ocorra a simbolização, e portanto a humanização, são fundamentais as sucessivas castrações, que Dolto divide em umbilical, oral, anal, genital não edipiana e genital edipiana. São castrações simboligênicas que se dariam através da palavra verdadeira. Para ela a castração é entendida em sentido lato, é a privação de uma satisfação incestuosa, que reorganiza a pulsão frente à proibição, de modo a estabelecer que uma parcela seja recalcada e outra parcela possa ser sublimada, possibilitando a busca de satisfação mais evoluída. A castração que não se faz acompanhar de progresso, não tem valor simboligênico, podendo adquirir um sentido perverso.

A ótica da linguagem e das castrações também encontra sentido na história pessoal de Dolto. Dentro de sua família a linguagem não desempenhou plenamente sua função de simbolização, e Dolto “salvou-se” da psicose por fazer um uso diferente desta. Primeiramente acreditou na palavra do adulto (o que lhe permitiu uma inclusão e uma diferenciação) mas depois, conforme foi crescendo, foi percebendo que algumas respostas que recebia eram falsas ou distorcidas. Disto adveio uma necessidade de escutar, pensar e utilizar a linguagem de modo coerente, passando então a buscar suas próprias respostas.

Já às perguntas sem respostas, como o que ocorre após a morte, preocupação de Dolto aos 4 anos, depois de um episódio esquizóide de três dias, aceita um não saber, apoiando-se na religião. Acaba por acreditar em anjos da guarda por toda vida, que representavam, para ela, um ponto de ligação entre o carnal, o mental e o espiritual. Noções religiosas como alma e espírito permeiam sua obra, inclusive encontramos vários livros que discutem especificamente religião e psicanálise. Aliás, ela atribuía sua formação como psicanalista à sua fé e à influência de seu analista Renée Laforgue. Curioso que depois das sessões, Dolto não se preocupava com seus pacientes, entregando-os aos cuidados dos anjos da guarda.

Assim, da vivência tão precoce da loucura da e na linguagem advém a ênfase na importância das comunicações dentro da família e a noção da palavra verdadeira - a que situa o sujeito em relação ao seu

desejo e ao desejo do outro. É a inserção da criança no mundo simbólico dos pais o que vai determinar a dinâmica inconsciente na relação triangular, muito mais do que a força das pulsões. Daí a necessidade que a análise possa dar novos significados, nomeando o que os pais não puderam fazer por estarem presos a seus próprios conflitos pré-edípicos. Ao lermos o relato de sessões observamos em Dolto uma postura aparentemente pedagógica, como se fossem “aulas de Édipo”, onde na verdade ela marcava os limites através da palavra verdadeira, refazendo o caminho das castrações. Ainda apoiada nesta noção de palavra verdadeira, introduziu a inovação técnica do pagamento simbólico na análise de crianças, visando situar a criança em relação ao seu desejo e ao desejo dos pais. Pedia que a criança fizesse um pagamento simbólico (algo combinado com cada uma como por ex. pedrinhas), o que era indicador da percepção de seus conflitos e da necessidade em ser ajudada. Quando havia recusa em fazer tal pagamento Dolto não iniciava a terapia, colocando para a criança que sua vinda devia-se ao desejo e poder dos pais e que ela, criança, não podia se preocupar consigo, estando livre para permanecer com suas dificuldades. Isto significava que o sintoma estava dando conta do sofrimento. Dolto atendia então aos pais que estariam podendo se preocupar com seu filho, fazendo uma distinção entre o que seria o desejo destes e o desejo da criança; mais uma vez mostrando o respeito que tinha pela individualidade do paciente e pelo seu contexto. Acreditava que um trabalho de prevenção com os pais, restaurando a comunicação verdadeira, levaria a um desenvolvimento natural da criança. Como se viu, esta prevenção inclui também a responsabilização de cada um pelo que quer e pelo que pode fazer.

Ainda sob a ótica da responsabilidade é digna de nota sua abordagem em relação às crianças adotadas. Dolto procurava resgatar o que os pais biológicos puderam dar para a criança - a vida, o que os pais adotivos podiam dar - a inserção em um contexto simbólico que incluía a verdade afetiva desta relação, sendo imperioso que também se reconheça a origem biológica, e procurava finalmente resgatar a responsabilidade da própria criança por seu desejo em viver, desde a concepção, e em pertencer ao grupo familiar “adotando” os pais.

Este seu entendimento sobre a responsabilidade pessoal em relação ao desejo e às limitações, tem ainda como alicerce uma outra experiência de vida que a marcou profundamente: a morte da irmã mais velha. As vésperas de sua primeira comunhão, aos doze anos, a mãe contou-lhe sobre a doença da irmã e pediu-lhe para rogar a Deus por sua vida. Com a morte desta, a mãe afastou-se ainda mais de Dolto, que procurou elaborar tal episódio e suas conseqüências durante sua análise. Ela acabou reconhecendo a influência desta situação no fato de tornar-se analista como que atendendo ao pedido de sua mãe.

No futuro Dolto ficou conhecida por “salvar” quase que de modo milagroso “casos perdidos” como autistas e psicóticos, fazendo sua a bandeira da participação familiar através da comunicação verdadeira. De sua experiência de vida extrai o valor da profilaxia, da comunicação e de uma ética que incluía também a atuação no contexto familiar e social mais amplo. A bagagem pessoal que trouxe para sua carreira psicanalítica possibilitou, como vimos, o desenvolvimento de abordagens diferenciadas e o aporte de contribuições teóricas originais.

Os conceitos abordados até aqui e relacionados com a vida de Françoise Dolto encontram uma confluência na idéia que forma a espinha dorsal teórico-técnica de sua obra: a de imagem inconsciente do corpo. É um conceito nascido eminentemente da clínica, que se refere à união entre soma, espírito e psiquismo, onde mais uma vez perpassa a fala e a castração na formação do sujeito e das relações objetais. É um conceito fundamental, difícil e denso, que pela profundidade e importantes ligações com a psicopatologia e com a clínica, adquiriu um status privilegiado dentro da obra de Dolto e paralelamente mereceu, de nossa parte, um exame mais aprofundado, o que está além da presente proposta.(2)

No entanto, cabe aqui uma visão panorâmica deste conceito, fazendo uma ligação com as idéias abordadas anteriormente. Dolto partiu da visão de uma unidade somato-psíquica, utilizando o conceito de esquema corporal e de imagem inconsciente do corpo.

(2) Vide o trabalho das autoras: "O Conceito de Imagem Inconsciente do corpo de Françoise Dolto: a encarnação simbólica inconsciente do sujeito desejante".

Esta última forma-se a partir dos instintos, do desejo do bebê e da sua inserção em um mundo simbólico através das relações com a família. O conceito de imagem inconsciente do corpo dá uma dimensão dinâmica e psicanalítica à hipótese teórica de Dolto de uma unidade primeira entre corpo-sujeito-espírito. Ela se constitui em torno do desejo de ser inicial do sujeito, depois transforma-se em relação à sua história, representando o corpo enquanto mediador deste sujeito.

Segundo Dolto o esquema corporal é o processo de mentalização do corpo real (da fisiologia e da biologia), é o lugar e a fonte das pulsões, o contato com o mundo físico. Já a imagem inconsciente do corpo, que tem seu desenvolvimento minuciosamente detalhado por Dolto, é o nosso contato com o relacional, é o lugar de representação das pulsões. E é a fala que permite o cruzamento do esquema corporal com a imagem do corpo; é onde o desejo de viver encontra-se com as funções vegetativas, processo este que é mediatizado pela função simbólica. Para Dolto o sujeito inscreve-se no simbólico desde a sua concepção, esta já é simbólica do desejo de um sujeito e de seus pais. No entanto, o acesso da criança ao simbólico propriamente dito, às leis humanas, tem que ser mediatizado pela função simbólica. O sujeito vai mentalizando e memorizando as percepções associadas ao encontro com o outro desde o nascimento. Tais percepções não só provocam modificações no próprio sujeito, mas são também percebidas por um outro que reage com uma resposta variante modulada, de acordo com a primeira. O conceito de imagem do corpo é por definição relacional: Não se constitui em um processo solipsista, representa o sujeito desejante em uma troca simbólica, confrontado com as leis desta troca, as chamadas castrações simbologênicas. Dolto vê estas castrações como fundamentais para a evolução do sujeito e sua inserção na cultura.

O recalque da imagem do corpo, na época do espelho, propicia a definição de um “eu” a quem o sujeito passa a poder se referir, e de um objeto externo com quem se relacionar. A castração do espelho impõe uma identificação com um representante humano e a imagem do corpo, tornada inconsciente, continua viva sustentando o desejo. A partir daí a imagem do corpo não se refere intuitivamente, de forma exclusiva, ao que é o desejo do outro. Já após a resolução edipiana



a imagem inconsciente do corpo, marcada pelas castrações sucessivas, será aquela do próprio indivíduo - representação humana completa. o eu do sujeito fica definitivamente ligado à imagem humana monossexuada conforme a fisiologia do corpo material.

Quando não há a integração, que se dá pela fala, dos aspectos físicos reais (esquema corporal) com os relacionais (imagem inconsciente do corpo) ocorrerão distúrbios que vão desde a psicossomática até as esquizofrenias.

Este conceito denso, resumidamente explicado aqui nasceu da prática clínica de Dolto. Durante as sessões seus pacientes adolescentes e crianças trabalhavam com desenhos e massa de modelar; suas produções (bonecos, animais, etc) eram entendidas como projeções parciais ou totais da imagem inconsciente do corpo, através da qual o paciente articula sua relação com o mundo. Dolto não interpretava os desenhos e modelagens, o que considerava uma invasão, lidando apenas com o que o paciente verbalizava sobre estes. Usava-os, antes, como guias às suas interpretações, dirigidas ao desenvolvimento psico-sexual, visando corrigir os passos evolutivos da imagem inconsciente do corpo, onde falhou a castração estruturante promotora da simbolização. Através da palavra verdadeira, propicia-se a passagem do soma ao psíquico, estabelecendo uma relação entre o esquema corporal, o orgânico, aspectos relacionais e psicológicos.

Dolto acabou por construir assim, uma verdadeira teoria corporal do psiquismo, acompanhada de um manejo técnico coerente.

Curioso notar mais um aspecto da vida pessoal de Dolto que se liga ao seu trabalho teórico. Seu marido Boris Dolto, com quem casou-se aos 33 anos, era cinesioterapeuta, especialista em terapia do movimento, e sua terceira e última filha Catherine Dolto-Tolitch veio a trabalhar com haptonomia, contato psico-tátil pré-natal, que visa lidar simultaneamente com a afetividade e o toque. Assim, em sua família, temos a influência e o reflexo da preocupação de Dolto com as ligações mente-corpo-espírito.

Neste texto procuramos dar uma pequena visão de quem foi Françoise Marette-Dolto: uma pessoa de muitos recursos internos que venceu uma história de

vida conturbada, e que apesar e a partir da mesma, tornou-se uma psicanalista capaz de referir-se a si própria na primeira pessoa, ocupando um destacado lugar na produção teórica e na prática psicanalíticas. Alargou horizontes, como por exemplo, com o conceito de imagem inconsciente do corpo, que interliga somapsiquismo-espírito, com a importância da palavra verdadeira no desenvolvimento psíquico, com o extenso trabalho dirigido aos pais e educadores, pioneiro na ponte da psicanálise com outras práticas. Encontramos um trabalho inovador, que visa fundamentalmente recolocar o paciente em contato com o si mesmo, possibilitando a outros conseguirem o que ela conseguiu: o ser sujeito do próprio nome e pré-nome, em profundo respeito por si mesmo.

BIBLIOGRAFIA

- DOLTO, Françoise - "A imagem Inconsciente do Corpo". Editora Perspectiva, 1992, São Paulo.
- "Auto-Retrato de uma Psicanalista". Jorge Zahar Editores, 1990, Rio de Janeiro.
- "Como Orientar seu Filho". Editora Francisco Alves, Rio de Janeiro. Vol. I, 1988; Vol. II, 1989.
- "O Caso Dominique". Jorge Zahar Editores, 1972, Rio de Janeiro.
- "O Evangelho à Luz da Psicanálise". Imago Editora, 1979, Rio de Janeiro.
- "Psicanálise e Pediatria". Editora Guanabara, 1988, Rio de Janeiro.
- ; colaboração Alecio de Andrade. "Enfances". Editions du Seuil, 1986.
- ; colaboração Louis Caldagué. "Seminário de Psicanálise de Crianças". Jorge Zahar Editores, 1985, Rio de Janeiro.
- ; colaboração Jean-François de Sauverzac.
- "Seminário de Psicanálise de Crianças II". Editora Guanabara Koogan S.A. 1990, Rio de Janeiro.
- ; colaboração Jean-François de Sauverzac.
- "Inconsciente e Destinos (Seminário de Psicanálise de Crianças III)". Jorge Zahar Editores, 1989, Rio de Janeiro.
- LEDoux, Michel H. - "Introdução à obra de François Dolto". Jorge Zahar Editores, 1991, Rio de Janeiro.
- YANNICK, François - "Françoise Dolto- De l'éthique à la pratique de la psychanalyse d'enfants". Éditions du Centurion, 1990, Paris, France.